



ENTRE O APAGAMENTO E O ESQUECIMENTO: TRAJETÓRIAS DE MEMÓRIA DO ENUNCIADO “SOMOS TODOS PETROLEIROS”

Evandra Grigoletto¹

Fabiele Stockmans De Nardi²

O ENUNCIADO E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de uma busca pela “origem” da fórmula “somos todos X”, que circula atualmente nas redes em um processo de enorme dispersão, que pode ser caracterizado pela pergunta postada por um internauta - E hoje, somos todos quem? -, que pode receber múltiplas respostas, materializando o que presenciamos, atualmente, nas redes sociais: a invasão dessa fórmula que se desloca de um espaço para outro carregando consigo efeitos diversos. Por ela, se constrói um aparente efeito de unidade em torno de uma causa, de identificação com o outro (ou com a sua luta) com quem o sujeito se solidariza, de quem se aproxima, a quem se iguala no desejo ou na dor. “Somos todos X” tomou conta das redes, dá nome a campanhas, convoca para as ruas, produz gritos coletivos a que os sujeitos são chamados a se unir.

Esse recente fenômeno das redes tem, no entanto, na história dos movimentos de luta no Brasil, outras memórias, outros momentos em que seu aparecimento marca a convocação da coletividade em torno de uma causa que, embora tenha “nome e endereço”, produz-se como desejo de uma luta de “todos”. Talvez, a memória mais recente que os brasileiros conseguem recuperar acerca dessa fórmula seja a campanha “#somostodosmacacos”, lançada por famosos contra uma ação racista sofrida pelo jogador Daniel Alves, em abril de 2014.

Já a memória acerca do enunciado em análise neste trabalho parece ter sido apagada da história de luta dos trabalhadores brasileiros. Falamos aqui do enunciado “Somos todos petroleiros”, que ecoou nas ruas do Brasil, em 31 de maio de 1995, num ato convocado pela CUT e chamado de dia nacional de solidariedade aos petroleiros. “Somos todos petroleiros” indicava o apoio de outras categorias à causa dos petroleiros, que enfrentavam, então, uma dura resistência do governo à negociação e um boicote violento da mídia contra o movimento grevista e o que por ele se reivindicava.

Também chamada de Greve do fim do mundo, a greve dos petroleiros de 1995 é considerada uma greve histórica, que emerge num momento crítico no cenário político brasileiro, em que o neoliberalismo, representado pelo governo FHC, se consolida fortemente como a política do estado brasileiro, que mergulha num longo processo de privatizações. O caldo em que se gestou essa greve tinha como ingredientes, entre outros elementos, o desemprego crescente, a precarização dos postos de trabalho, as estratégias de enfraquecimento dos sindicatos, e as ações de privatização que começam a ameaçar uma das maiores empresas brasileiras, a Petrobrás. A isso se acrescentou,

¹ UFPE.

² UFPE.



durante o período da greve, a ação da imprensa, que fez um forte trabalho de silenciamento das reivindicações dos trabalhadores, produzindo uma criminalização do movimento mediante uma cobertura midiática em que se colocavam em lugares opostos a população, prejudicada pelo movimento, e os grevistas, que faziam uma greve “política”.

A reconstrução do cenário desta greve, ainda que de forma lacunar, só nos foi possível graças aos arquivos dos sindicatos, que promoveram ações para lembrar os 10, 15 e 20 anos desse acontecimento histórico em que o enunciado “Somos todos petroleiros” surgiu como “um brado que marcou para sempre a categoria”, no entanto, nos arquivos que visitamos, não conseguimos recuperar nenhuma materialidade (foto, vídeo e/ou texto) em que esse enunciado estivesse presente de forma marcada. Ele é sim citado, como mencionamos, nos vídeos e relatos que marcam as ações comemorativas da greve de 1995, mas não recuperamos qualquer registro em que pudéssemos visualizar esse enunciado sendo ecoado, ou grafado.

A recuperação do registro do enunciado se dá em 2015, 20 anos depois, em outra greve da categoria, mas parece que não produz o mesmo efeito, até porque o acontecimento histórico é outro. Na tentativa de recuperar/manter viva a memória sobre a força desse enunciado, “somos todos petroleiros” é retomado pelas frentes sindicais, intitulado e, ao mesmo tempo, convocando os petroleiros a participar, como podemos verificar nas convocações abaixo:



Disponível em: <http://www.cstpsol.com/viewnoticia.asp?ID=903>. Acesso em 01 set. 2017

Nosso objetivo, então, é compreender como esse enunciado se inscreve na memória do acontecimento histórico de 1995 e de que forma se dá sua retomada recente em 2015.

A ESTRUTURA DO ENUNCIADO E SEU FUNCIONAMENTO

“Somos todos petroleiros” aparece, neste trabalho, como um “acontecimento a ler”, nos termos de Pêcheux ([1983], 1999, p. 52), no sentido de estar sendo, essa formulação, com seus espaços deixados vazios, apropriada por discursos que vem de muitos lugares, de lugares outros, fazendo trabalhar memórias díspares sobre o espaço de sua formulação e os sujeitos que por ele enunciam. Mas quem são esses todos? Quem somos nós, que estamos com eles? O que fazemos ao dizer o que somos?



Essas questões e a possibilidade de dar a elas uma resposta se produzem a partir da própria materialidade do enunciado, materialidade opaca que caracteriza uma fórmula que se apresenta como “pronta” para ser reiterada, para se deslocar de um lugar a outro, servindo a “todos” sem que possa identificar “ninguém”, aceitando que o seu complemento se faça com nomes que necessariamente não guardam entre si qualquer relação. “Somos todos X” coloca em relação um verbo, na primeira pessoa do plural, que nos remete a um nós, supostamente inclusivo, que parece não precisar se explicitar, e que vem acompanhando de um pronome indefinido, todos. “Somos todos” demanda um complemento, esse X, o vazio, que produz o deslocamento da fórmula de um lugar para outro, associando-a a diferentes espaços de memória.

Conforme nos mostrou Zoppi-Fontana (2005), o **nós** pode funcionar aqui produzindo o efeito de uma interpretação genérica. Aquele que enuncia, se diz por esse nós, e inclui nele o seu interlocutor, ambos diluídos em um coletivo indeterminado que se solidariza com aquele que “somos”, esse outro com que **nós** nos identificamos, que queremos ser, mas que ainda assim é um outro: Somos todos *petroleiros*. Como dizíamos em um trabalho anterior, “Nós é o espaço vazio, deixado vazio para que com ele eu, você, todos se identifiquem” (GRIGOLETTO; DE NARDI, 2015, p. 11), assumindo, no caso da fórmula “Somos todos X”, a defesa do outro, sua causa, sua dor, sua luta. Mas diferentemente do que acontecia com o enunciado que então analisamos, o **todos** aqui não é uma possibilidade, é uma condição desse nós, e parece que todos é mais do que nós, maior e talvez ainda mais indeterminado, de forma que se mostra, aqui, a força que exerce o papel da memória enquanto espaço do interpretável: a possibilidade de dizer quem somos todos está intrinsecamente ligada à memória desse enunciado e às condições de produção em que foi gestado.

Esse funcionamento que nos tem feito pensar na possibilidade de compreensão da formulação “Somos todos X” como uma fórmula³, considerando a estabilidade dessa forma significante e sua cristalização. “Somos todos X” funciona nos modos de um *slogan* que se inscreve numa memória coletiva que é o que dá suporte à sua repetição. Nele, o lugar do complemento, deixado vazio, marca a enorme capacidade de se deslocar da fórmula em análise, fazendo que cada retomada provoque uma forte desestruturação nas redes de memória que a sustentam. Trata-se de uma materialidade profundamente opaca, marcada pela evidente indefinição dos referentes, os quais só encontram alguma estabilidade por sua vinculação a um complemento que a determina: *petroleiros*, Moro, Lula, etc. Nesse sentido, esse enunciado nos faz voltar a Pêcheux ([1984], 2011, p. 158) e sua insistência no fato de que “é *porque* os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente.”

³ Estamos pensando a noção de fórmula a partir do que sobre a questão nos diz Krieg-Planque (2010), compreendendo que podem ser entendidas como fórmulas as sequências que possuam enorme força argumentativa, de convocação do outro a aderir ao chamamento que por elas se produzem ou aos sentidos que veiculam, apesar de sua forma reduzida (ou justamente por ela).



Essa fórmula, em suas repetições verticais, vai produzindo furos na memória. Assim, na relação com o acontecimento, com o novo em que se inscreve, a materialidade da fórmula se “descola” das redes de sentido anteriores a que estava vinculada, e vai produzindo novas regularizações, amarrando-se a outras teias de memória, vinculando-se a outras FDs, produzindo deslocamentos tão brutais que fazem com que não se possa mais lembrar de onde veio e a quem serviu.

Estaríamos, assim, diante daquilo que Pêcheux ([1983], 1999, p. 53) chamou de “divisão da identidade material”, a qual ocorre quando “sob o “mesmo” da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva... Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase.”

Seria, então, esse *efeito de opacidade*, nos termos de Pêcheux, que fez com que a materialidade da fórmula que compõe o enunciado “Somos todos Petroleiros” se deslocasse como um efeito em série, sendo a fórmula “Somos todos” a parte dessa identidade material que se repete, que se estabilizou socialmente, abrindo, por outro lado, pelas inúmeras paráfrases que preenchem o lugar de X, um espaço de deslocamentos e retomadas (Cf. Pêcheux, 1999). Assim, o que entra no lugar de X é o que produz uma ruptura com a memória já estabilizada, construindo outras redes a partir da vinculação da fórmula a uma nova série de sentidos que *regulam o que pode e deve ser dito* na FD em que se inscrevem os novos enunciados que vão surgindo a cada retomada dessa estrutura. Mas, ainda segundo Pêcheux (Op. Cit), o acontecimento discursivo novo pode perturbar a memória que tende, então, a absorver o acontecimento primeiro, como um efeito em série que pode desmanchar a “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento.” (PÊCHEUX, [1983] 1999, p. 52). O que parece que se produz, no caso do *somos todos petroleiros*, é que há tantos novos acontecimentos, dos mais banais aos mais singulares, que a memória da luta dos petroleiros desaparece, sendo o acontecimento histórico da greve de 1995 absorvido pelo *jogo de forças da memória*, pela disputa de sentidos. A estabilização parafrástica, diz Pêcheux (idem, p. 53), negocia “a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo.”

Esse funcionamento nos sugere que umas memórias acerca da fórmula “somos todos” são recuperáveis, porque mais atuais, mais vivas na memória coletiva, e outras, como a dos Petroleiros, parece não se manter, desvanecendo-se em meio a tantas outras “lutas” que vão tomando o seu lugar. Estamos diante, então, do que estamos entendendo como um apagamento. Trata-se de uma memória que não foi simplesmente esquecida, mas apagada.

SOBRE A MEMÓRIA, SEUS LUGARES, SUA ATUALIZAÇÃO

“A condição essencial da produção e interpretação de uma sequência não é passível de inscrição na esfera individual do sujeito psicológico: ela reside de fato na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constitui o espaço de memória da sequência.” (PÊCHEUX,



[1990], 2011, p. 145). Assim Pêcheux introduz, em um de seu trabalhos, a referência ao interdiscurso, situando-nos em um lugar a partir do qual pensar a memória é compreendê-la em sua dimensão social, levando-nos a pensar, com Halbwachs ([1925], 2004), que, uma vez feita palavra, toda lembrança é uma forma de situar-se em relação a uma coletividade a quem perguntamos algo ou a quem damos uma resposta, ou seja, é inscrever-se no espaço social, nos quadros sociais em que essa memória significa.

Para falar sobre a memória retomamos dois trabalhos de Halbwachs ([1925], 2004; [1950] 2003), colocando-os em relação com o que nos diz Pêcheux ([1983], 1999, p. 50) ao afirmar que a leitura de uma sequência em análise do discurso nos coloca diante do desafio de trabalhar a memória “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. O desafio lançado por Pêcheux é o de nos questionar sobre *a forma de inscrição do acontecimento no espaço da memória*, questão com que nos enfrentamos neste trabalho em que temos um enunciado que parece ser o traço material de um acontecimento que se inscreve em uma memória coletiva, mas que não faz eco no que seria uma memória social, ou seja, um enunciado que não significa para além das fronteiras do grupo do qual ele se fez memória.

Ao pensar a *dupla forma limite* de inscrição do acontecimento na memória, de que nos fala Pêcheux, ou seja, a do acontecimento que não se inscreve na memória e aquela de sua absorção por ela, teríamos, com a greve de 1995 e o enunciado em análise, um movimento em que o acontecimento se inscreve enquanto tal apenas nos limites de uma memória específica, essa memória coletiva entendida como memória do grupo, de um grupo em particular, que vive e se sustenta num “passado vivido, bem mais do que no passado apreendido pela história escrita” (Halbwachs, [1950] 2003, p. 90). Ao distinguir a memória coletiva da história, o autor vai falar da primeira como uma continuidade que não retém o passado, mas que vive na “consciência de um grupo”, está atrelada a ele, à vida dos sujeitos que o constituem. Já a segunda estaria para além dos grupos, acima dele, constituindo-se como uma memória que pode ser “emprestada” aos sujeitos, para que dela se “lembrem” sem que necessariamente a tenham vivido.

Ao perseguirmos as trajetórias de memória do enunciado “Somos todos petroleiros”, buscando no arquivo virtual as marcas de sua permanência, o que percebemos é que esse enunciado parece não ter se produzido enquanto eco de uma memória social, nem mesmo para o coletivo dos petroleiros, já que sua retomada se restringe aos arquivos do sindicato: é recuperado pelas vozes daqueles que viveram o acontecimento, sem que, no entanto, ele ecoe fortemente para além desse grupo.

Podemos dizer, então, que o enunciado “Somos todos petroleiros” encontra abrigo em um lugar de memória, nesse espaço físico que tenta preservar seu aparecimento e sua presença, que é o arquivo do sindicato. Nele há discurso sobre, há tentativa de reconstrução dessa memória, mas esse parece ser também o lugar de seu aprisionamento, no sentido de que se trata de uma memória que não significa nem mesmo entre aqueles que hoje compartilham a designação do grupo: os petroleiros. Temos um lugar de memória, temos uma memória que quer se inscrever, temos uma



tentativa de preservar o acontecimento como memória, fazer com que a história o registre e o reconheça, mas não há narrativas que sejam fortes o suficiente para que possam tirá-la do espaço restrito em que ela se faz lembrança do grupo/ para o grupo, para transformá-la em memória social.

Talvez o que tenhamos com relação à greve de 1995 é uma vigilância comemorativa (NORA, 1993, p. 13) que tenta reinscrever o acontecimento como memória, demandando que a história o registre - vide os vídeos comemorativos dos 15 e 20 anos da greve, a tentativa de reintroduzir o sentimento de coletividade pela retomada da formulação nos chamamentos para a greve de 2015.

Mas por que não se inscreve “Somos todos petroleiros” na memória social? Por que parece que a história olha de longe para a greve de 95? Por que nem mesmo os sujeitos que hoje deveriam identificar-se com a designação “petroleiros” parecem se sentir convocados a identificar-se com o acontecimento da greve de 95 e sua rememoração?

Nossa hipótese é de que a forma como a mídia tratou a questão produziu uma ausência de narrativa sobre essa memória, já que o movimento foi criminalizado, silenciado, ao não se dar voz aos sujeitos que dele eram parte. A narrativa midiática produziu uma interdição da voz do petroleiro, ou, como nos diz Orlandi (1999, p. 63), “sentidos possíveis, historicamente viáveis foram politicamente *interditados*”. Daí a impossibilidade de que o acontecimento se produzisse como memória para além do grupo restrito daqueles sujeito que viveram o movimento. A grande mídia falou da greve de 1995, sem deixar falar os grevistas, produzindo o apagamento de toda uma série de dizeres possíveis sobre o acontecimento. Além disso, quase não se tem registros da cobertura dessa greve nos arquivos virtuais, é como se o acontecimento tivesse sido realmente apagado desse lugar, como resultado de um trabalho institucional sobre a memória na direção de fazer deixar de existir os rastros do acontecimento e dos sujeitos que dele foram testemunhas, de apagar os vestígios de seu aparecimento. Trata-se de um trabalho fortemente atravessado pelo político.

REFERÊNCIAS

GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans. As fronteiras do discurso outro: o papel da memória em processos de modalização autonômica de empréstimo. **Revista Investigações** Vol. 28, nº Especial, Dezembro/2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1859/1462>

HALLBWACHS, Maurice. [1950] **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo, Centauro, 2003.

_____. [1925] **Los marcos sociales de la memoria**. Trad. Manuel Baeza; Michel Mujica. Barcelona: Anthropos, 2004.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de “fórmula” em Análise do Discurso**. Quadro teórico e metodológico. Trad. Luciana Salazar Salgado, Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. Nº 10, dezembro de 1993, p. 2-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>

ORLANDI, Eni. Maio de 1968: os silêncios da memória. In. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. (org.). *Papel da memória*. Campinas/São Paulo: Pontes, 1999, p. 49 –57.



PÊCHEUX, Michel. _____. [1983] **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. (org.). *Papel da memória*. Campinas/São Paulo: Pontes, 1999, p. 49 –57.

_____. [1984]. *Metáfora e Interdiscurso*. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Orlandi*. 2ª Ed., Campinas, SP: Pontes editores, 2011, p. 151-161.

_____. [1990] *Leitura e Memória. Projeto de pesquisa*. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Orlandi*. 2ª Ed., Campinas, SP: Pontes editores, 2011, p.141-150.

ZOPPI-FONTANA, Mónica. *Identities (in)formales. Contradicción, procesos de designación y de subjetivación en la diferencia*. **Versión**, nº 14, UAM-X, México, 2005, p. 13-57. Disponível em: [http://version.xoc.uam.mx/MostrarPDF.php?id_host=6&tipo=ARTICULO&id=1818&archivo=7-127-1818ppe.pdf&titulo=Identities%20\(in\)formales](http://version.xoc.uam.mx/MostrarPDF.php?id_host=6&tipo=ARTICULO&id=1818&archivo=7-127-1818ppe.pdf&titulo=Identities%20(in)formales)